CADERNO DE INOVAÇÃO
VOLUME 14 / Maio 2014

# INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE



# Caderno de Inovação

**VOLUME 14 / Maio 2014**




***Realização:***
Fórum de Inovação da FGV-EAESP

***Fórum de Inovação da FGV-EAESP:***
Marcos Vasconcellos (coordenador geral)
Luiz Carlos Di Serio (coordenador adjunto)

***Gestão Executiva:***
Luciana Gaia (coordenadora executiva)
Flávia Canella (staff, layout e diagramação)
Gisele Gaia (staff)
Leonice Cunha (staff)
Andréa Barbuy (staff)

***Editora Responsável:***
Maria Cristina Gonçalves (Mtb: 25.946)

02 Editorial

03 Inovação e Competitividade - Módulo Organizações

08 Inovação e Competitividade - Módulo Brasil Brasil

17 Brasil - Competitividade Global

20 A "armadilha" da Renda Média

23 Opinião dos Moderadores

# Editorial

Você que nos acompanha, sabe que nos últimos cadernos falamos sobre Inovações no serviço público brasileiro, inibidores e soluções empresariais para o Brasil, entre outros temas. Dentro da série de encontros de Inovação, focados em analisar o nosso país, chegou a vez de falarmos sobre Inovação e Competitividade.

Logo de cara, você vai ver o exemplo da Avibrás.  E porque trazer o exemplo de uma indústria de defesa para o Fórum? Por se tratar de uma indústria de tecnologia de ponta, 100% brasileira, inovadora, e que também é uma multinacional.

Na sequência, eu e o prof. Di Serio preparamos um material que traz nossa visão sobre os pontos determinantes de competitividade brasileira. Vale a pena conferir!

O destaque vai para uma análise sobre a “armadilha” da renda média. Vou explicar, resumidamente: o crescimento econômico de um país provoca novas demandas e para manter esse crescimento é preciso transitar de uma economia de baixa tecnologia para setores de média e alta tecnologia.  E isso vai exigir maior qualificação das pessoas. O Brasil está preso nessa armadilha.

A saída? Investir maciçamente em educação, em todos os níveis, primários, secundários, técnico e superior. Trago a Coreia como exemplo bem sucedido.

Você já percebeu que tem muito a ler, pensar e, em breve, debatermos,  não é?

Vamos juntos!

Boa leitura!

Até breve!



## INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE - Módulo Organizações

## Avibras Indústria de Defesa 100% Brasileira

A abertura foi realizada pelo coordenador do Fórum de Inovação da FGV- EAESP, Marcos Vasconcellos, que apresentou um quadro conceitual sobre o tema, em parceria com o coordenador adjunto do Fórum, Luiz Carlos Di Serio.

O dia foi especial por ter como palestrante Flávio Cunha, da Avibras, e como moderadores: Clóvis Alvarenga (USP) e José Augusto Correa (FGV-EAESP) e Luiz Cláudio Ferraz (Conselho do Fórum de Inovação).

O mote do encontro foi provocar reflexões sobre quais inovações serão necessárias para aumentar a competitividade brasileira.

Para que seja aumentada a competitividade brasileira, que inovações precisam ocorrer nas organizações?

Para que seja aumentada a competitividade brasileira, que inovações precisam ocorrer no país?



A Avibras foi convidada a participar do Fórum de Inovação por ser uma empresa brasileira que é também uma multinacional, com forte presença no Oriente Médio, Sudoeste Asiático e África.

Atende também 25% do mercado interno na área de Defesa e Civil, incluindo Forças Armadas; Programa Espacial; Empresas Públicas e Privadas.

## Inserção estratégica

A indústria de defesa, Avibras, produz e exporta sistemas de defesa nos segmentos terrestre, aéreo e naval. “A empresa precisa e gera tecnologia de ponta 100% para oferecer pronta resposta, em tempo e volume de produção, em casos de mobilização. Além disso, gera desenvolvimento social e acadêmico de alto nível. Somos a maior empresa estratégica de defesa do país, e muito disso deve-se à nossa capacidade de inovação crescente”, diz Flavio Cunha, vice-presidente de Operações.

## Fatores Primários de Competitividade no Mercado Nacional

- Boa relação custo/benefício
- Conhecimento das expectativas dos clientes/fidelização;
- Agilidade e Flexibilidade;
- Cultura AVIBRAS;
- Criação e Gestão do conhecimento;
- Alto investimento em P&D;
- Provado e Aprovado em Combate.

## Fatores Secundários de Competitividade no Mercado Internacional

- Reputação de excelência em qualidade;
- Valorização do relacionamento com o cliente;
- Informatização dos processos;
- Desenvolvimento de Alta tecnologia;
- Atendimento a normas Internacionais.



## Por que se mantem competitivos no mercado internacional?

Um dos principais fatores é se manter informados do potencial dos concorrentes, sendo eles:

- HIMARS (HIgh Mobility Artillery Rocket System) - Lockheed Martin/USA;
- T-122 Sakarya  Roketsan/Turkey;
- Type 90B 122mm MLRS - Norinco  China.
- Valorização da imagem institucional.
- Valorização do relacionamento com fornecedores

## Qual a capacidade instalada?

Flávio Cunha contou que a Avibras verticaliza suas atividades estratégicas. Verticalização é interessante para que a empresa mantenha o controle sobre as tecnologias de processo, de produtos e negócios (segredos industriais), entre outras.

Confira:

**Infraestrutura:**

- Fabricação mecânica
- Pintura eletroforética (KTL)
- Inibição térmica/compósitos
- Fabricação de matéria prima para propelentes
- Fabricação e Carregamento de propelente
- Integração Veicular
- Fabricação de submunição ewarheads
- Fabricação de containers
- Montagem eletrônica
- Integração de munições
- Ensaios
- Almoxarifado e Paióis
- Softwares





## Recursos Humanos

A Avibras também pode ser chamada de uma indústria de conhecimento, ela trabalha com tecnologia e conhecimento de ponta, para isso, precisa contar com pessoas altamente especializadas no seu quadro funcional. Como está na fronteira do conhecimento, precisa investir no capital humano para permanentemente inovar.

A saber, em números e porcentagens:

| | Quantidade | % |
|---|---|---|
| **Mestrese Doutores** | 28 | 2,1% |
| **Pós Graduados** | 64 | 4,8% |
| **Nível Superior** | 267 | 19,9% |
| **Nível Técnico/Médio** | 728 | 54,4% |
| **Média de idade** | 38,5 anos | |
| **Média de tempo de casa** | 7,5anos | |
| **Total de funcionários** | 1.339 colaboradores | |

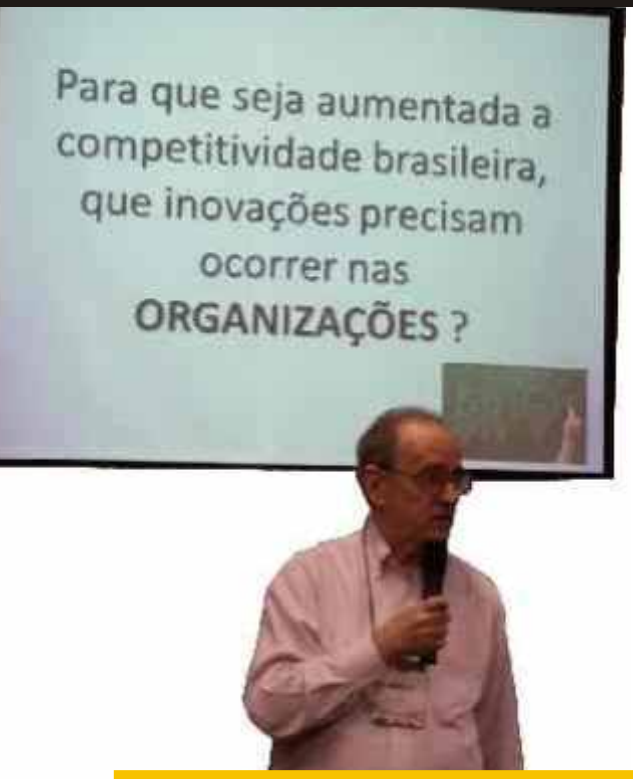
Atualizado em 25/02/2014

Flávio compartilhou com a plateia alguns exemplos de sucesso, mais recentemente o Astros II e a Remotorização EXOCET, com vídeos explicativos e dispôs-se a dirimir as dúvidas apresentadas pelos debatedores e plateia.



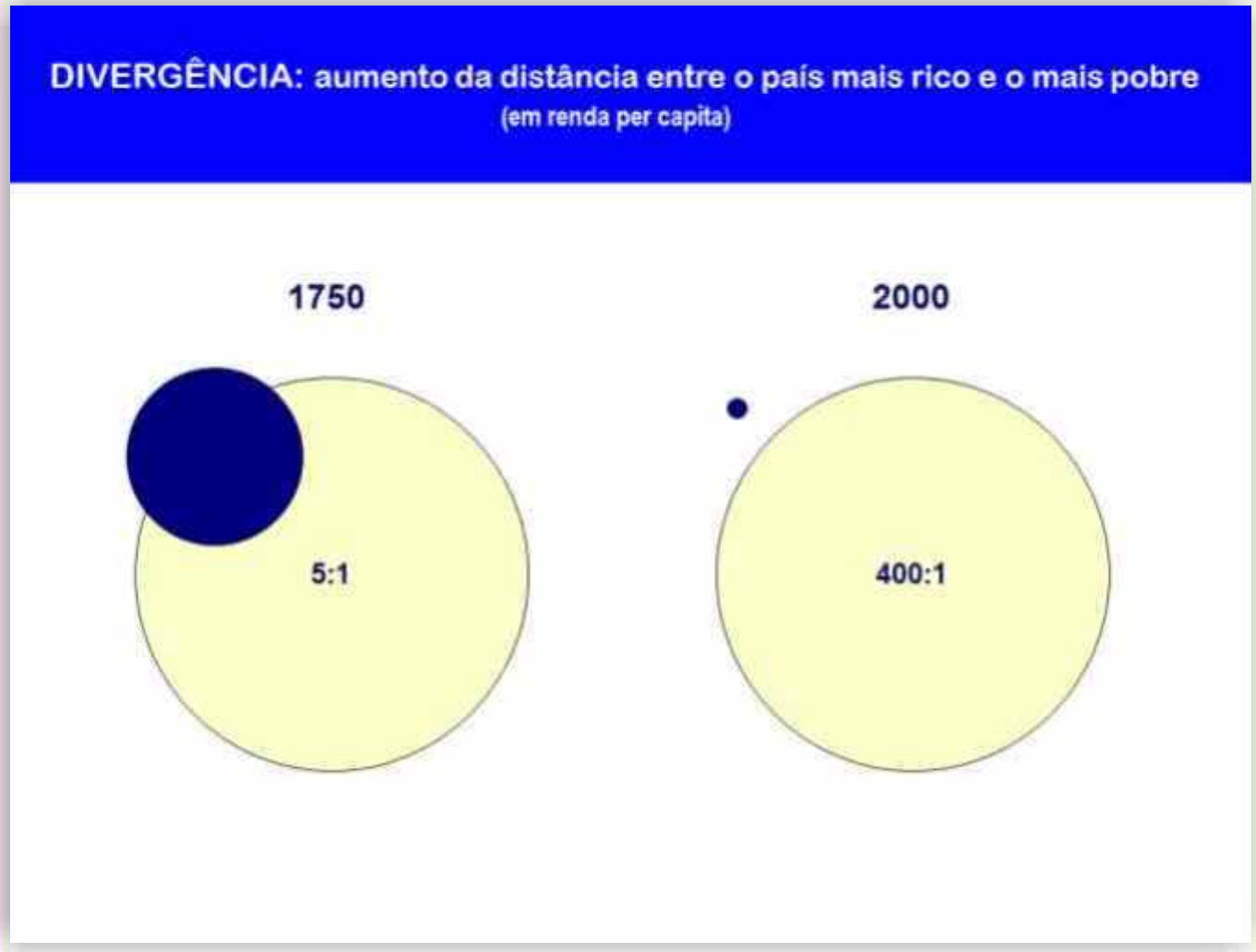

AVIBRAS
PROJETOS EM CURSO
PROGRAMA
ASTROS 2020


AVIBRAS
EXEMPLOS DE SUCESSO
MÍSSIL EXOCET – Projeto de remotorização
AVIBRAS

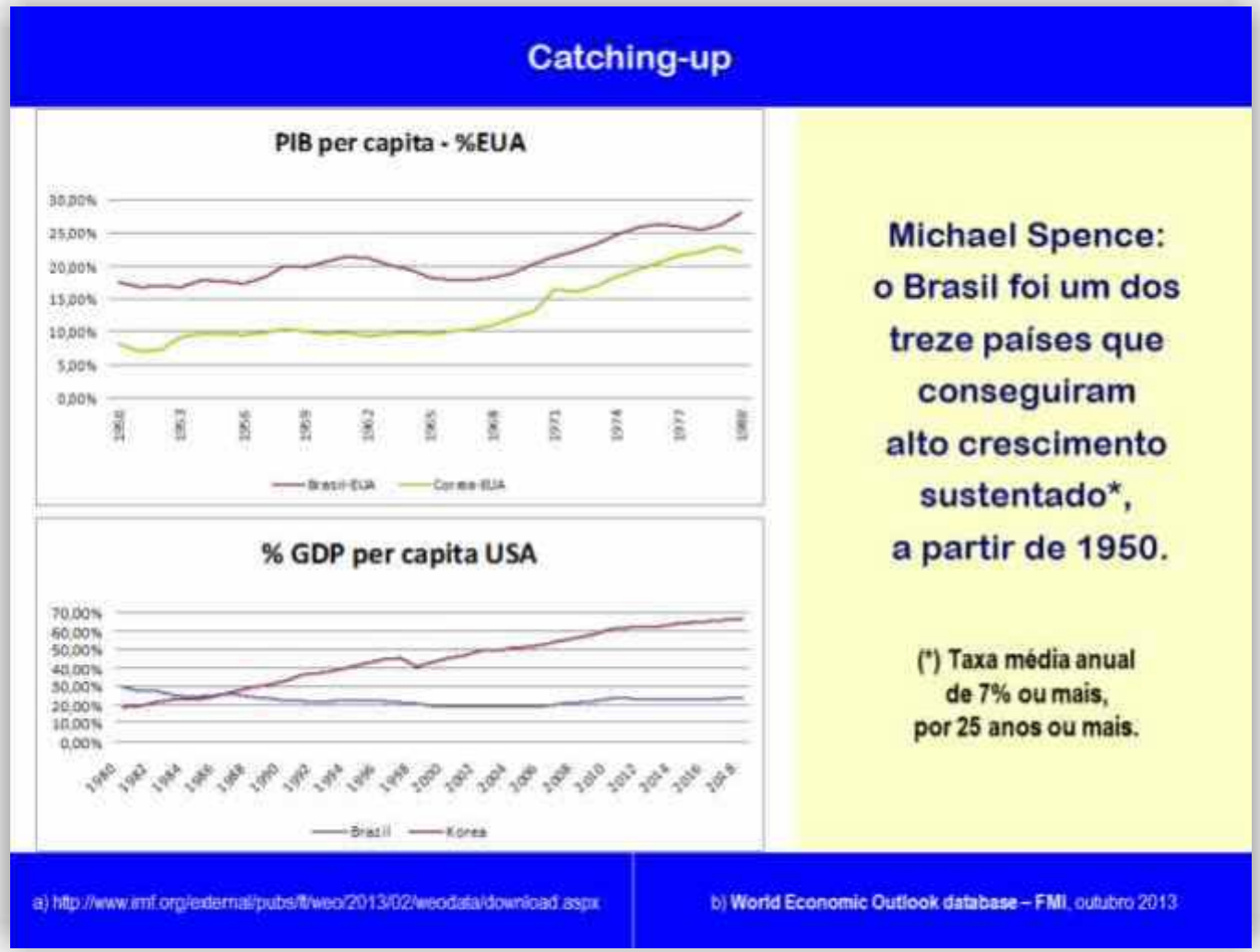



## INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE - Módulo Brasil

Por Marcos Augusto de Vasconcellos
O coordenador do Fórum de Inovação, Prof. Marcos, na sua apresentação, sensibilizou a plateia para a seguinte questão: “Para que seja aumentada a competitividade brasileira, que inovações precisam ocorrer no PAÍS?”




“Com o fim dos impérios coloniais e pós guerra, graças a abertura expoente do comércio internacional, houve a expansão da economia global, devido ao comércio marítimo e um aumento de renda em diversos países do mundo. Os países em desenvolvimento começaram a crescer, mas na década de 70 iniciou-se a nova defasagem. Para exemplificar: distância entre o país mais rico e um mais pobre, no que tange a renda per capita, em 1750, era de 1 para 5. Hoje essa diferença é de 400 x 1. Uma distância que aumentou muito, uma grande disparidade. O Brasil, da década de 80 em diante, voltou ao patamar dos 20% (renda per capita Brasil X EUA) e, com sorte, permanecerá nisso”.




"A partir de 1950 poucos foram os países que conseguiram alto crescimento sustentado, Dentre estes, estavam o Brasil (de 1050 até 1980) e a Coreia (desde a década de 60 até os dias de hoje). Como se pode ver no slide acima, a renda per capita no Brasil em 1950 correspondia a 18% da renda per capita dos EUA. Em 1980, essa proporção havia subido para 28% e hoje está estacionada em torno dos 20%", disse Marcos.






O slide acima mostra que a economia e a exportação da Coreia continuaram crescendo.

“Não podemos achar que é destino do Brasil ser subdesenvolvido, O que aconteceu para virar essa curva de desenvolvimento?”, perguntou prof. Vasconcellos. Na sequência, apresentou fatores de competitividade micro e macro econômicas.

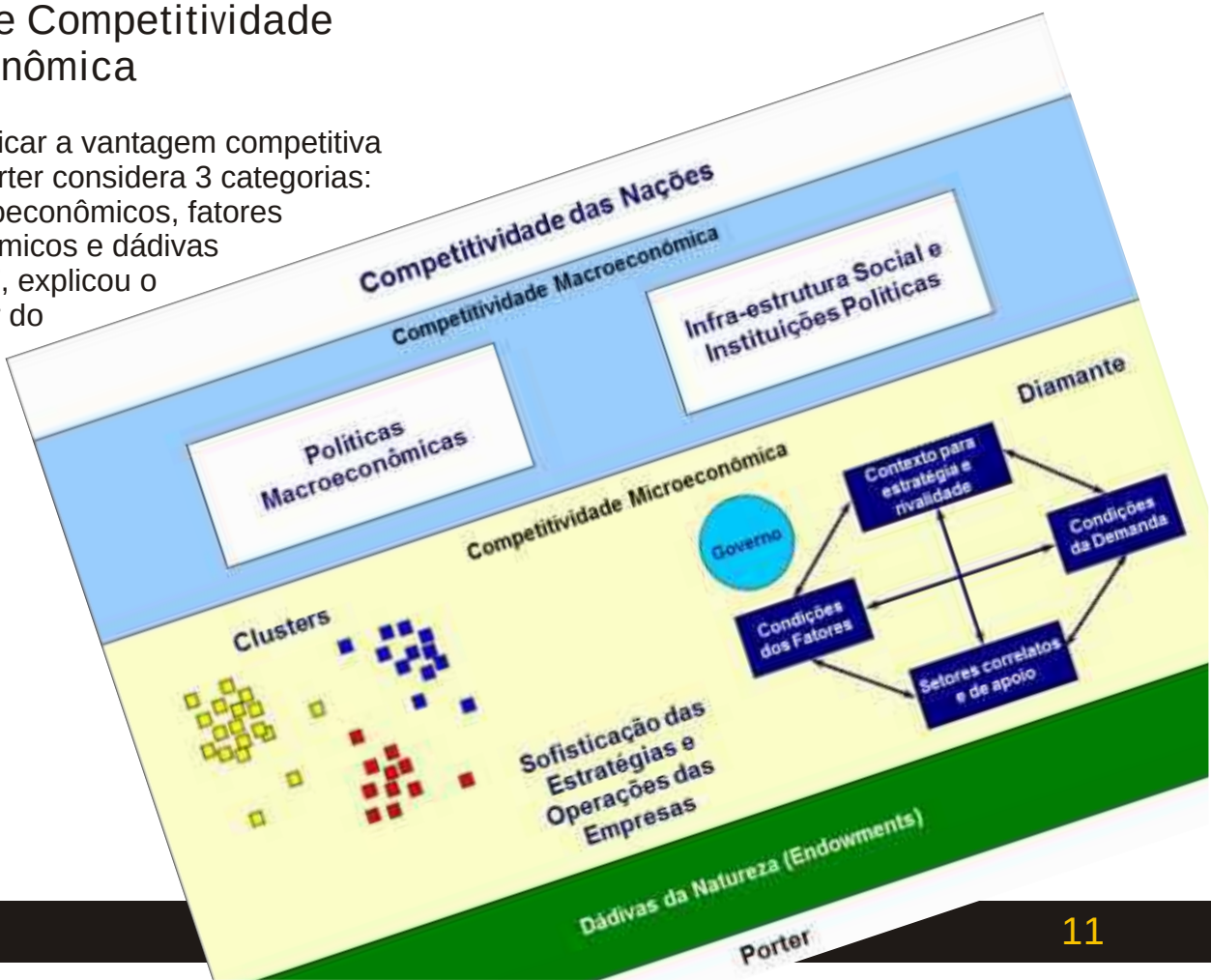
Vale elucidar que esses fatores nos mostram o quanto o país pode ser realmente competitivo e que, todos os setores produtivos e do governo, devem fazer esforços conjuntamente. “Fica claro que os setores, público e privado, devem ser parceiros na busca de prosperidade e bem estar do país”, explicou o professor.

Prof. Marcos trouxe definições de Porter e do World Economic Forum sobre Competitividade dos países: “vale a reflexão sobre competitividade e também sobre catching up, sob o ponto de vista do Porter”, recomendou.

| Competitividade das Nações | |
|---|---|
| **WEF 2013** | **Competitividade** = conjunto de Instituições, políticas e fatores que determinam o nível de **produtividade** de um país<br><br>O nível de **produtividade** define o nível de **prosperidade** que pode ser atingido por uma Economia |
| **Michael Porter** | São as **empresas**, e não os países, que competem em mercados internacionais<br><br>São as **empresas produtivas e competitivas** que criam riqueza e (bons) empregos<br><br>As **nações** competem para oferecer o **ambiente** mais propício à produtividade e competitividade das empresas<br><br>Os **setores público e privado** desempenham papéis inte-relacionados na criação de **prosperidade** de um país |
| WEF / Porter | |

## Fatores de Competitividade Microeconômica

"Para classificar a vantagem competitiva nacional, Porter considera 3 categorias: fatores microeconômicos, fatores macroeconômicos e dádivas da natureza", explicou o coordenador do Fórum.

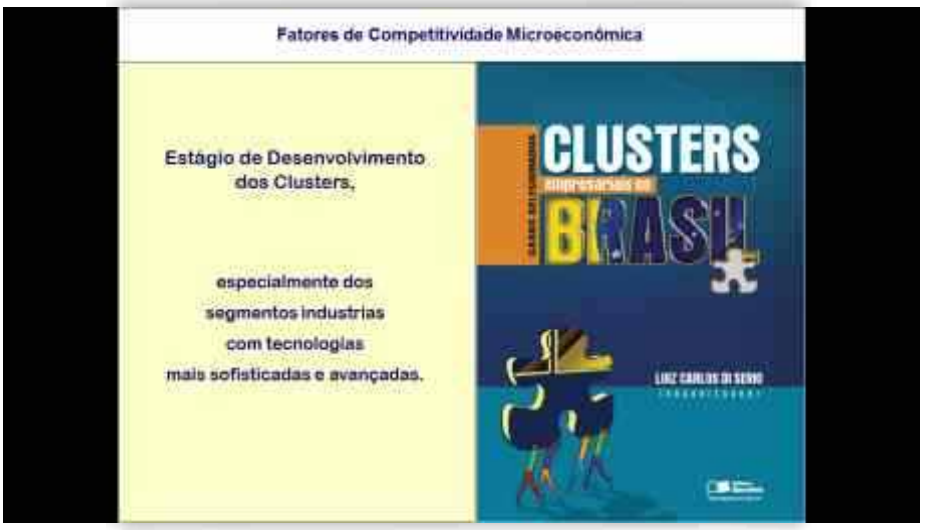


"Os fatores microeconômicos são: a sofisticação da estratégia e operações da empresa, o estágio de desenvolvimento dos Clusters e o Diamante do Porter", disse Marcos.














## Políticas Macroeconômicas:

Os fatores macroeconômicos dizem respeito a política macroeconômica, infraestrutrura social e instituições políticas.

“Já o processo de catching up diz respeito à capacidade da empresa de diminuir e/ou superar a defasagem, em produtividade e renda, em comparação ao país líder”, explicou Marcos, mostrando o slide a seguir:

O slide a seguir mostra dado comparativo entre a determinante de competitividade, segundo Porter e as determinantes, segundo Catching Up.



| Fatores de Competitividade Macroeconômica | |
|---|---|
| **Políticas Macroeconômicas** | **Infra-estrutura Social e Instituições Políticas** |
| **Política Fiscal**<br>• Superavit / deficit governamental<br>• Dívida governamental<br><br>**Política Monetária**<br>• Inflação<br>• Poupança<br>• Administração dos Ciclos Econômicos | **Desenvolvimento Humano**<br>• Educação<br>• Saúde<br><br>**Instituições Políticas**<br>• Liberdade / Estabilidade Política<br>• Governo: efetividade, *accountability*<br><br>**Estado de Direito**<br>• Direitos / Segurança / Não corrupção<br>• Judiciário: Independência, Eficiência |

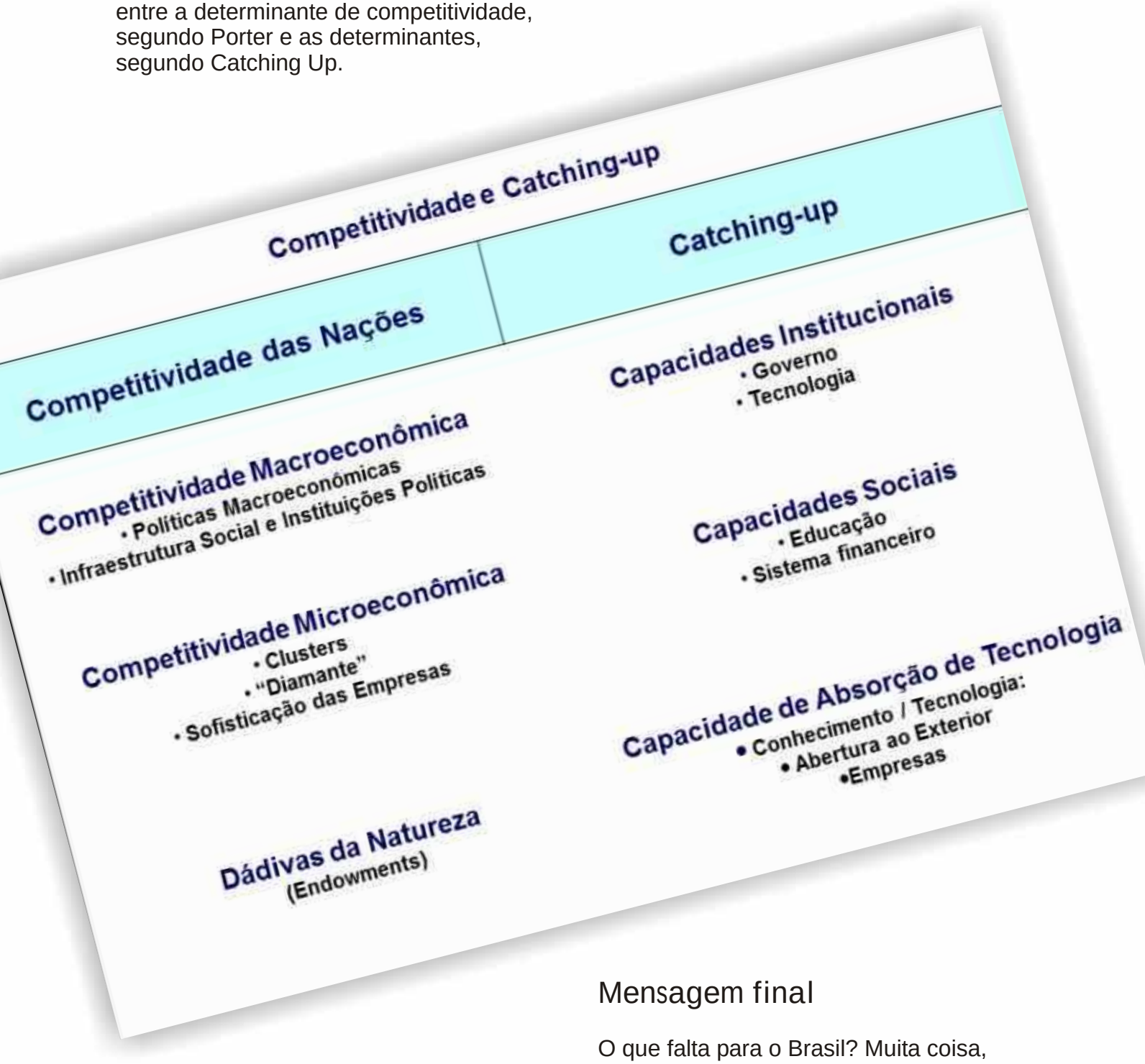
“Já o processo de catching up diz respeito à capacidade da empresa de diminuir e/ou superar a defasagem, em produtividade e renda, em comparação ao país líder”, explicou Marcos, mostrando o slide a seguir:

**Fatores Determinantes dos Processos de Catching-up**

| Categorias | Dimensões |
|---|---|
| Capacidades Institucionais | • Governo<br>• Democracia |
| Capacidades Sociais | • Educação<br>• Sistema Financeiro |
| Capacidade de Absorção de Tecnologia | • Conhecimento / Tecnologia:<br>Transferência, Geração, Difusão de Tecnologias<br>• Abertura ao Exterior<br>(a Conhecimentos e Tecnologias)<br>•Empresas |

Fagerberg, Godinho, Srholec, Freeman, Soete, Kim, Spence, UNIDO

O slide a seguir mostra dado comparativo entre a determinante de competitividade, segundo Porter e as determinantes, segundo Catching Up.

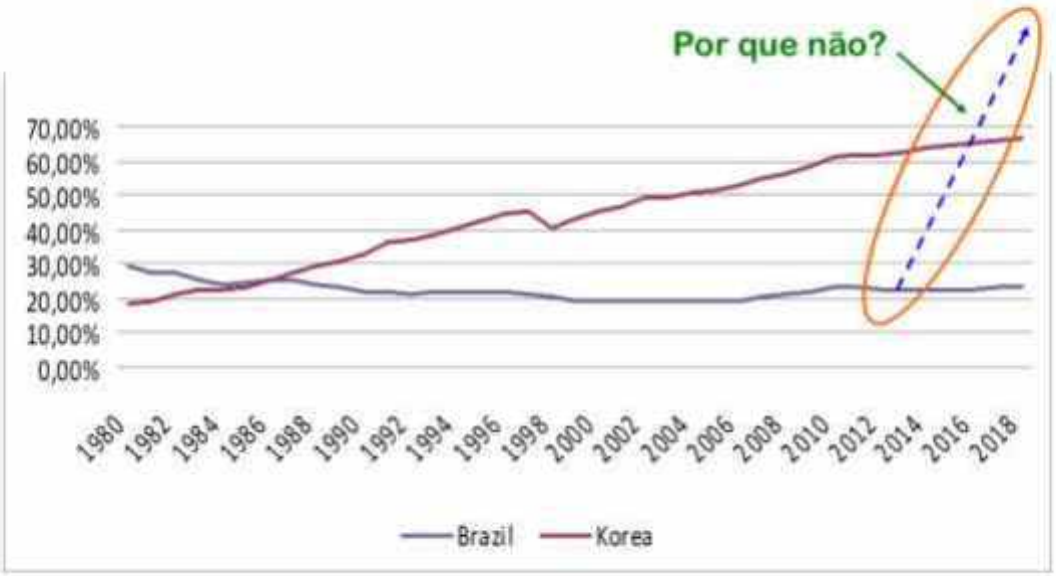



## Mensagem final

O que falta para o Brasil? Muita coisa, começando por planejar o futuro. "Todas as notícias que eu ouço, falam do ano passado ou de projeção de 1% para 2014, eu não vejo estudos ou notícias relativos ao que devemos fazer HOJE para que, em 2044, por exemplo, possamos estar melhor. A pergunta que não cala é: Porque não podemos voltar a crescer?", instigou Prof. Marcos.

## Para o Brasil, o que falta?

**Muita coisa, começando por planejar para o futuro.**

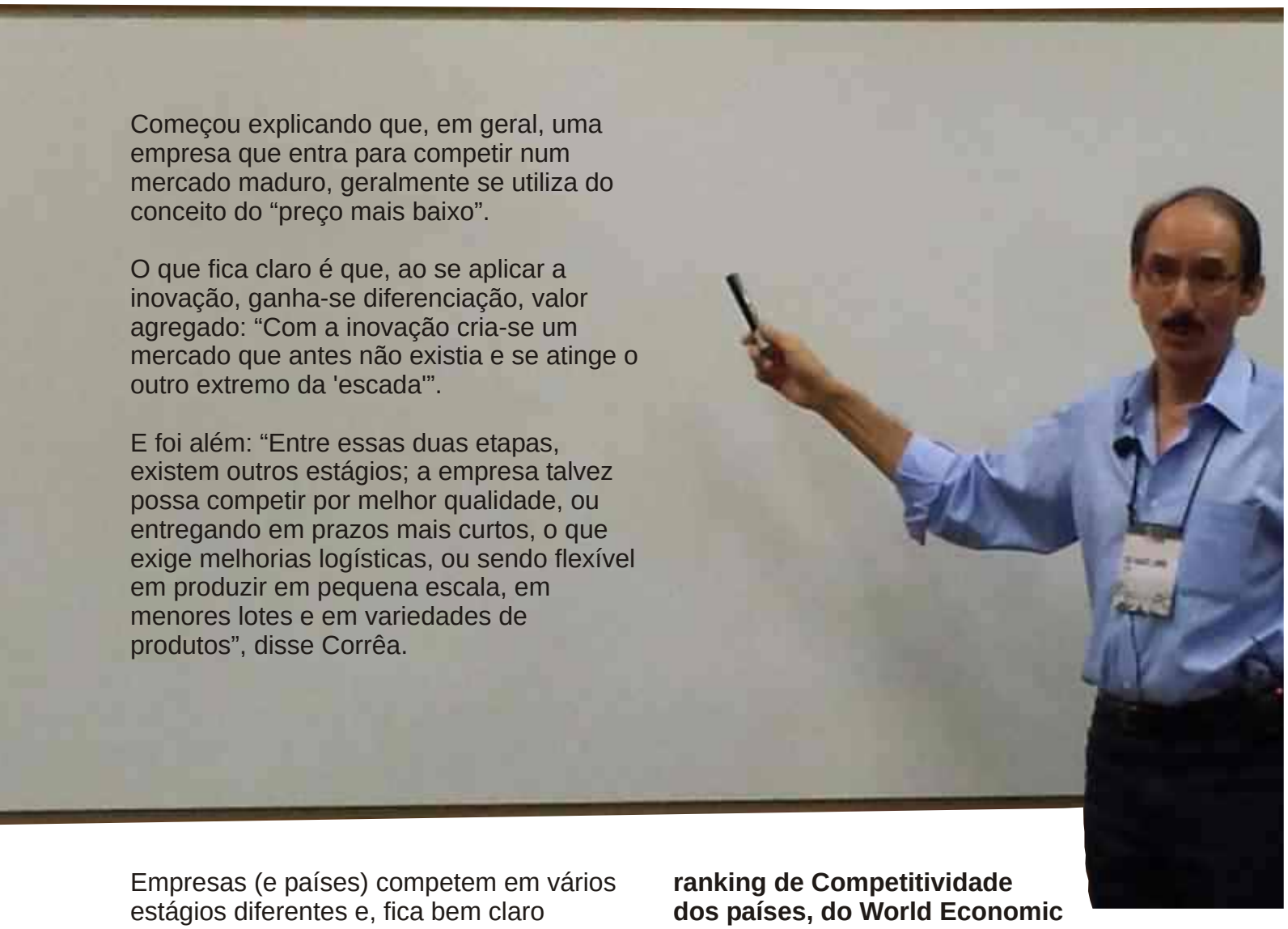


# BRASIL - Competitividade Global

José Augusto Corrêa (FGV-EAESP) decidiu utilizar o "*very old fashion way*", quadro-negro e giz, dispensando a utilização de slides, recorrendo a contar suas experiências pessoais e traçar um panorama sobre inovação, cadeias produtivas e empresas transnacionais.

Para isso, desenhou o conceito de escada, que reproduzimos a seguir:





Começou explicando que, em geral, uma empresa que entra para competir num mercado maduro, geralmente se utiliza do conceito do “preço mais baixo”.

O que fica claro é que, ao se aplicar a inovação, ganha-se diferenciação, valor agregado: “Com a inovação cria-se um mercado que antes não existia e se atinge o outro extremo da 'escada'”.

E foi além: “Entre essas duas etapas, existem outros estágios; a empresa talvez possa competir por melhor qualidade, ou entregando em prazos mais curtos, o que exige melhorias logísticas, ou sendo flexível em produzir em pequena escala, em menores lotes e em variedades de produtos”, disse Corrêa.

Empresas (e países) competem em vários estágios diferentes e, fica bem claro atualmente, que há no Brasil muitas empresas que seriam bem competitivas em outros países, mas são bloqueadas pela falta de competitividade nacional.

Esse peso recai sobre os custos dos produtos feitos no Brasil. **A Competitividade de uma empresa depende dela mesma e do grau de competitividade do país onde ela atua. “Isso quer dizer que a mesmíssima empresa no Brasil ou na Coréia, por exemplo, terá resultados diferentes ao vender num terceiro mercado. No Brasil há muitas empresas que são competitivas por sua tecnologia e capacidade de inovação, mas que devido aos nossos problemas nacionais de má qualidade da infraestrutura, como na educação, saúde, logística, telecomunicações, energia, excesso de impostos e de leis trabalhistas (e seus altos custos) não conseguem ser competitivas internacionalmente. No ranking de Competitividade dos países, do World Economic Forum (WEF) e no da FIESP, o Brasil Está muito mal colocado nesses requisitos”, exemplificou com dados.**

O professor avançou explicando que uma forma de pensar em competitividade é imaginar que empresas ou países competem por mercado, “e isso acontece de verdade”, completou.

“As empresas mais produtivas e os países mais produtivos ganham esses mercados. O conceito básico é a produtividade. País (ou empresa) mais competitivo é aquele que tem maior produtividade que, em resumo, é conseguir fazer mais com menos recursos. Custos mais baixos de energia, de telecom, de transportes, funcionários mais bem treinados, saudáveis, com maior conhecimento para melhorar permanentemente processos e produtos, são fatores de sucesso para competitividade”, defendeu o professor.

Aspectos econômicos de um país também afetam todo o jogo da competição. A taxa de câmbio, por exemplo, muda os preços internacionais. “No Brasil, a indústria vem sofrendo dessa doença: com o real supervalorizado, devido a excesso de despesas do governo (sem resultados práticos sobre a competitividade nacional) os juros têm que ser aumentados e o real se valoriza. Com isso, os produtos brasileiros ficam mais caros no exterior, perdendo mercados, ao mesmo tempo em que os produtos estrangeiros (por exemplo, os chineses), ficam mais baratos aqui dentro do Brasil”, disse.

As empresas brasileiras perdem duplamente nesse processo, não devido à falta de produtividade, e consequentemente menor competitividade, mas devido a um fator macroeconômico, alheio à administração delas  o câmbio - que reduz toda a competitividade nacional.

“O setor industrial brasileiro não tem obtido o suporte necessário para aumentar sua competitividade internacionalmente; a legislação brasileira dificulta as exportações, gerando um problema sistêmico no país”, opinou Corrêa.

Defendeu que o setor agropecuário, por sua elevadíssima produtividade, compensa as mesmas dificuldades da manufatura e hoje é essencial ao país, sendo responsável, juntamente com o setor de extração mineral, pela superação dos déficits comerciais com manufaturados.

“Atualmente, é clara a tendência para o deslocamento da produção brasileira para o inicio das cadeias produtivas, com exportação crescente de matérias primas em detrimento de produtos mais elaborados e com maior tecnologia e valor agregado”. Na opinião de Corrêa, é necessário que sejam realizadas negociações para acordos comerciais com países com tecnologias mais avançadas, para que o Brasil venha a participar dessas cadeias produtivas internacionais.

“Uma cadeia produtiva começa com matérias primas, produtos da mineração ou da agricultura, que passam por diversas fases, por processos, que têm muitas indústrias envolvidas, agregando mais e mais valor. O Brasil precisa avançar nas suas posições dentro dessas cadeias globais”, completou.

As empresas transnacionais - que são as que têm seus processos produtivos atravessando fronteiras, minimizam custos e especializam suas subsidiárias ou fornecedoras pelo mundo. Com isso, fazem com que aumentem as escalas de produção e as melhores em determinado produto ou serviço passam a abastecer toda a cadeia mundial.

“Podemos enxergar uma cadeia produtiva como se fosse apenas uma empresa que fabrica um produto, mas onde há uma competição para a divisão do lucro final entre cada uma das etapas. Isso ocorre realmente entre as empresas dessa cadeia. É uma concorrência sem fim, uma competição que não acaba. Apenas, o que ocorre é que os perdedores são simplesmente removidos do processo, trocados por outros mais competitivos, onde quer que se localizem no mundo”, finalizou.



## A “Armadilha” da Renda Média

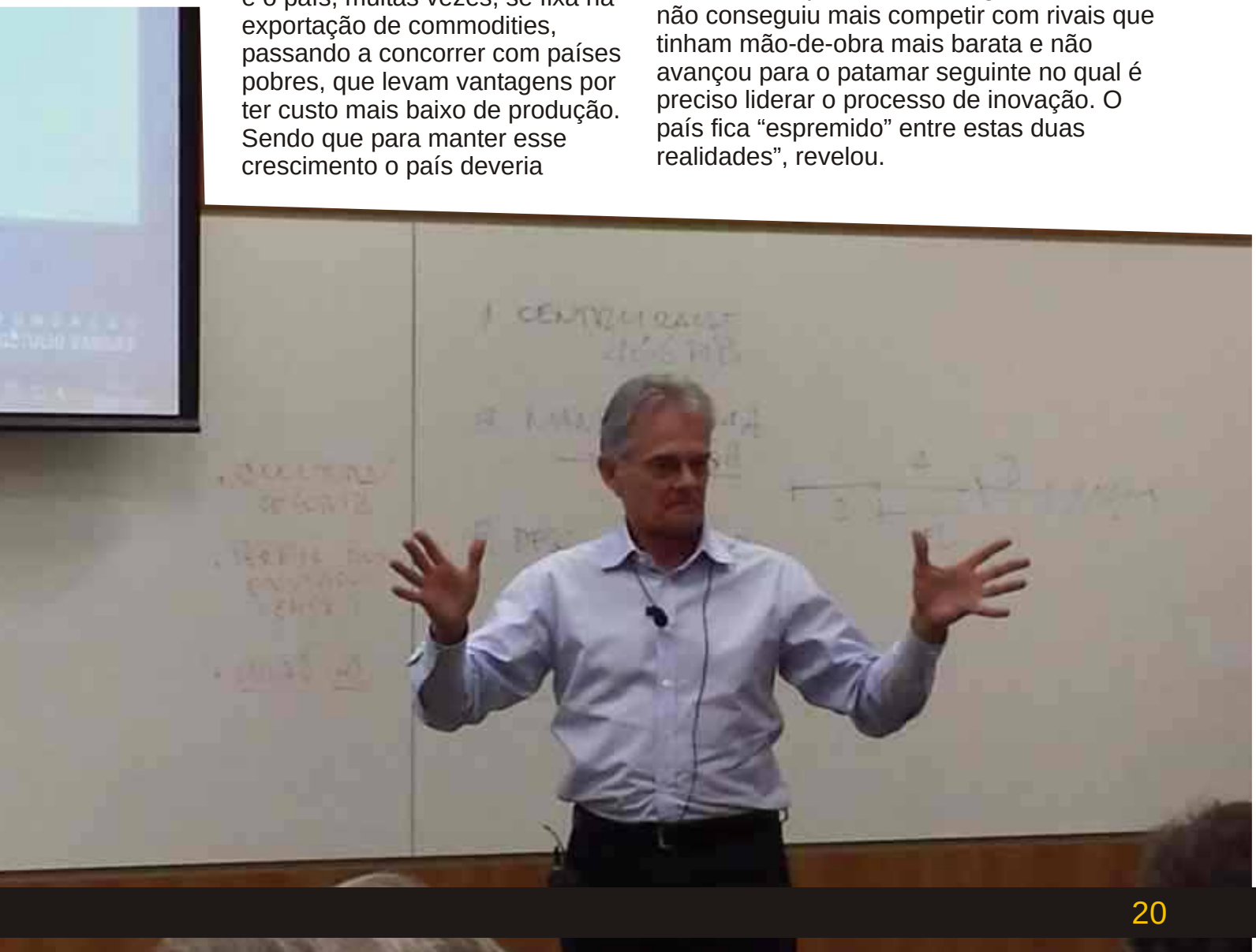
Di Serio trouxe dados novos de uma pesquisa realizada por Barry Eichengreen e Kwanho Shin; Professores da Universidade da Califórnia e da Universidade da Coréia do Sul e autores do Estudo Growth Slowdowns Redux: New Evidence on the Middle-Income Trap. A pesquisa mostra que os países que entram na faixa da renda média tem maior propensão de passar por estagnação econômica. Geralmente, essas economias baseiam suas exportações em commodities, e as indústrias não agregam valor e inovação nos seus produtos.

“Quando falamos em renda média, PIB que varia de 3.000 a 16.000 dólares por habitante, o país tem maior propensão a passar por um período de estagnação econômica. A sociedade, de forma geral, se acomoda com a melhoria do padrão de vida, e o país, muitas vezes, se fixa na exportação de commodities, passando a concorrer com países pobres, que levam vantagens por ter custo mais baixo de produção. Sendo que para manter esse crescimento o país deveria investir em inovação, alta tecnologia e formação de pessoas”, disse Di Serio. Países como Brasil, Peru, México, China e Malásia estão presos nisso, mas temos bons exemplos de quem já saiu como o Japão e Coreia do Sul.

**Alguns dados sobre o Brasil após a Segunda Guerra Mundial:**

- Pós-Segunda Guerra Mundial “Sensação” entre os Emergentes
- Crescimento médio de 7% a.a. por mais de 25 anos.

“O país entra para a faixa das nações de renda média, em 1961. Durante este período, acontece a mecanização da agricultura, trabalhadores migram para indústria e serviços nas áreas urbanas, ocorreu o aumento da produção e dos salários”, disse Di Serio, e continuou: “A economia foi perdendo o fôlego e o Brasil não conseguiu mais competir com rivais que tinham mão-de-obra mais barata e não avançou para o patamar seguinte no qual é preciso liderar o processo de inovação. O país fica “espremido” entre estas duas realidades”, revelou.



O professor enxerga que a sociedade brasileira tem totais condições de evitar os erros que prendem o país à “armadilha” da renda média.

**Como escapar dessa armadilha?**

- modernizando e internacionalizando a indústria;
- agregando valor ao produto, não exportando somente commodities;
- investindo em educação de todos os níveis;
- investindo fortemente no ensino técnico;
- investindo em média e alta tecnologias;
- melhorar tem serviços de telecomunicações de péssima qualidade e caros. “Isso afeta o fluxo de transmissão de dados entre pessoas e empresas, o Banco Mundial diz que um avanço de 10% no número de conexões banda larga pode contribuir em 1 ponto percentual no PIB”, exemplificou.

**Alguns bons exemplos:**

“Vale citar o exemplo da China que promoveu urbanização, incentivou o setor industrial e entrou na faixa da renda média em 2001 e de Israel que promoveu universidades empreendedoras. Taiwar entra como um bom exemplo dentre os Tigres Asiáticos, já que 28% das exportações mundiais de produtos e serviços importados, que depois de incorporados novos processos, acabam sendo vendidos no exterior novamente”, citou o professor.

Michael Spence, Nobel de Economia de 2011, autor do livro: “Os desafios do Futuro da Economia”, defendia: “É mais fácil sair da pobreza do que dar um pulo do meio da escada para o topo”. “Os países não entendem a magnitude das mudanças necessárias para fazer essa transição”, disse Di Serio.

**Diagnóstico de Competitividade**

Prosperidade

Salário Médio

Desigualdade Social e pobreza

Dimensões não financeiras e padrão de vida; por exemplo, qualidade do meio ambiente





## Plateia Interagindo

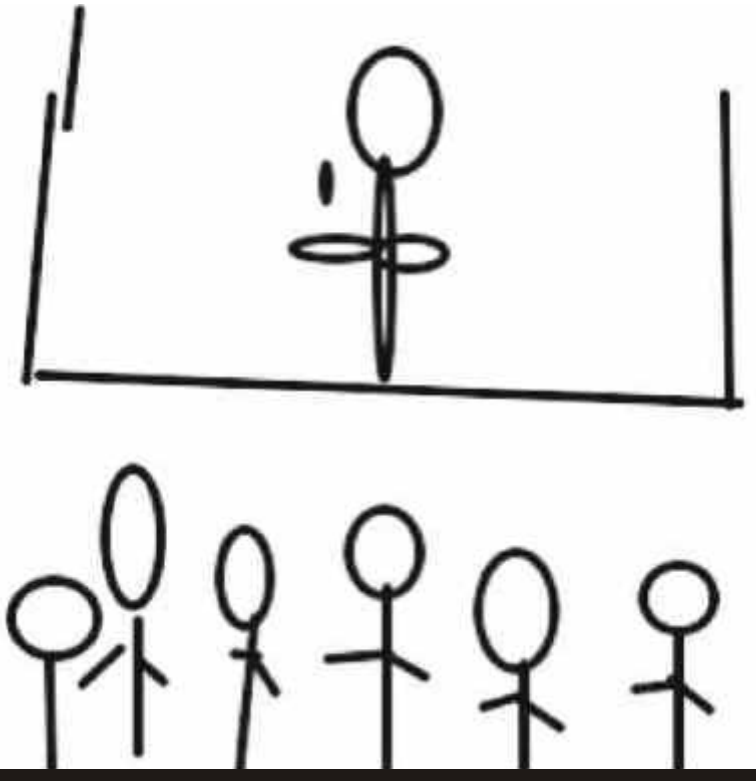
**Claudio Cardoso** - fez uma importante consideração sobre o contexto de estado e política brasileiros: “temos uma participação muito grande do Estado na economia, temos11 empresas estatais, 40% da economia depende do Estado. Além disso, a composição política transformou o país numa maquina de eleição, tudo gira em torno disso. O PT, por exemplo, tem 18% do Congresso, o PMDB 20%, não há como compor maioria. Os nossos parlamentares consomem seu tempo para em articular maioria”, disse.

**Di Serio** - complementou: “infelizmente sabemos que o desvio de verba é uma realidade o desvio de verbas, sabemos que ela não chega a áreas prioritárias. Penso que o tempo ideal de mandato seria de 6 anos, do jeito que está não conseguimos pensar em projetos de longo prazo”, disse. E foi além: “não temos saúde, nem educação, a justiça não funciona, estamos sem respaldo, enfrentando uma crise de credibilidade no sistema. Falta alinhamento de projeto nacional, falta visão, um projeto de país. Quando a sociedade é mobilizada, as coisas acontecem”.

**Agnaldo Dantas**, do Sebrae - “Fazemos parte de um grupo seleto, que teve boa educação e oportunidades, temos que focar em coisas que possamos concretizar, com planejamento de curto, médio e longo prazos. A saída mais efetiva e transformadora é a Educação, mas para isso são necessários 30, 40 e até 50 anos, mas podemos adotar outras ações.

De médio prazo temos problemas de logística, de curto prazo, podemos tentar algo em relação a impostos. O que importa é ter ações de políticas públicas para melhorar o ambiente, no caso do Sebrae, as micro empresas, assim como a Fiesp para as indústrias. Penso que devamos ter representantes em todas as áreas e com gente de diversos setores. As propostas de mudança devem vir por intermédio de grupos focados no seu poder de influencia, só assim poderemos quebrar barreiras e fazer algo”.



## Opinião dos Moderadores

**Marcos Augusto Vasconcellos**

Já que estamos falando de inovação no Brasil, poderíamos ampliar a pergunta do início, “Para que seja aumentada a competitividade brasileira, que inovações precisam ocorrer no PAÍS?”, para “qual inovação, ou melhor, quais inovações são necessárias para que sejam atingidos os objetivos de desenvolvimento econômico, prosperidade, bem-estar e qualidade de vida dos brasileiros?”.

Em outras palavras: Que inovações precisam ocorrer para que o Brasil retorne à trajetória de crescimento que já teve, em passado não tão distante, de forma que possam ser perseguidos os objetivos acima citados? A resposta deve ser procurada tanto no nível das empresas como no nível de país.



No nível das Empresas, as inovações que eu considero mais necessárias são:

- Inovação nos processos de absorção fato de novas tecnologias de produtos e processos (o que não se resume à compra de equipamentos);
- Inovação nos processos de P&D, especialmente nas áreas de fronteira do conhecimento;
- Inovação nas transações internacionais, especialmente a inserção nas cadeias globais de suprimentos;
- Inovações na gestão, incluindo a valorização e capacitação dos colaboradores, e a criação de um ambiente interno de estímulo às pessoas para inovarem.

Em nível de país, as inovações que eu considero fundamentais são:

- Inovação na Educação  pré-requisito essencial para o desenvolvimento econômico e social do país. Mais do que inovação, é preciso uma revolução no nosso sistema educacional, para que seja garantida educação de qualidade, em todos os níveis, para todas as pessoas, como forma mais segura de combater a exclusão social hoje existente.
- Inovação nas Políticas Públicas, para que sejam acompanhadas de atuação governamental pró-ativa, o que inclui a criação de condições favoráveis à (re) industrialização, e a condução do processo de mudança de estruturas (de indústria mais antigas para as avançadas tecnologicamente.
- Inovações na gestão, qualidade, eficiência e produtividade dos serviços públicos.
- Inovações no exercício da cidadania e da reconstrução do Estado, o que inclui o fim do loteamento dos ministérios e demais instituições públicas, a transparência na alocação dos recursos públicos e a reciprocidade entre a eficiência na arrecadação de impostos e a qualidade dos serviços à população.

Deixei para o fim duas inovações que, a meu ver, deveriam preceder todas as demais:

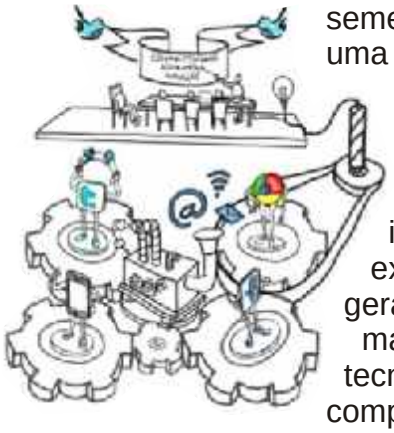
- Criação de um Projeto para o país (o foco das discussões precisa mudar  do “câmbio de ontem” para o “Brasil de 2050”); e
- Mudança dos modelos mentais (precisamos voltar a acreditar no Brasil e no respeito à cidadania).

**Luiz Carlos Di Serio:**

“O Brasil tem muitos inputs para inovação, como qualidade das instituições, recursos, modelos de negócio, capital humano, pesquisadores “O que temos de negativo?Um ambiente regulatório que oscila demais, temos baixa eficiência, não conseguimos exportar patentes, empregos e aplicação do conhecimento, o que revela um baixo output. O que nos falta é efetivar em outputs, transformar as boas ideias em resultados, principalmente voltados para o bem estar das pessoas. Esse será o grande passo”, defendeu Di Serio.

**Por JAC**

O moderador José Augusto Corrêa fala sobre a promoção comercial brasileira Esperamos revolucionar essa área de comércio que hoje é de 460 bilhões de dólares. Pode parecer muito, mas não é. Somos a sétima economia do mundo e 23 nação exportadora. Todas as grandes economias tem PIB/taxa de exportação semelhantes, o Brasil tem uma disparidade muito grande. A minha meta motivadora é que atinjamos 1 trilhão de dólares, em importações e exportações, e assim gerarmos mais empregos e mais evolução tecnológica. A competitividade das empresas depende da competitividade do Brasil. Temos que incluir o país nas cadeias produtivas globais, agregando mais valor aos nossos produtos exportados”.



**Clovis Alvarenga - USP**

Quero fazer um resgate histórico e dar uma opinião transversal: há coisas que podemos fazer e outras não. Quando o monarca D. João VI veio para cá, no fundo ele passou a perna no Napoleão, ele escapou por pouco, mas escapou. A nossa colonização foi por gente que veio para ficar, dai a miscigenação enorme, somos 1/3 índios, 1/3 negros, 1/3 brancos, portanto, colocar culpa nos índios, não é justo, até porque eles foram subjugados. Vamos falar sobre a questão de pensar no amanhã, o europeu precisa planejar para o futuro, pois o inverno acaba com a comida, ele precisava estocar. Aqui no Brasil, por conta do nosso clima, isso não era preciso. Por isso que eu digo: temos o desafio de fazer nosso jeito dar certo do jeito que somos.

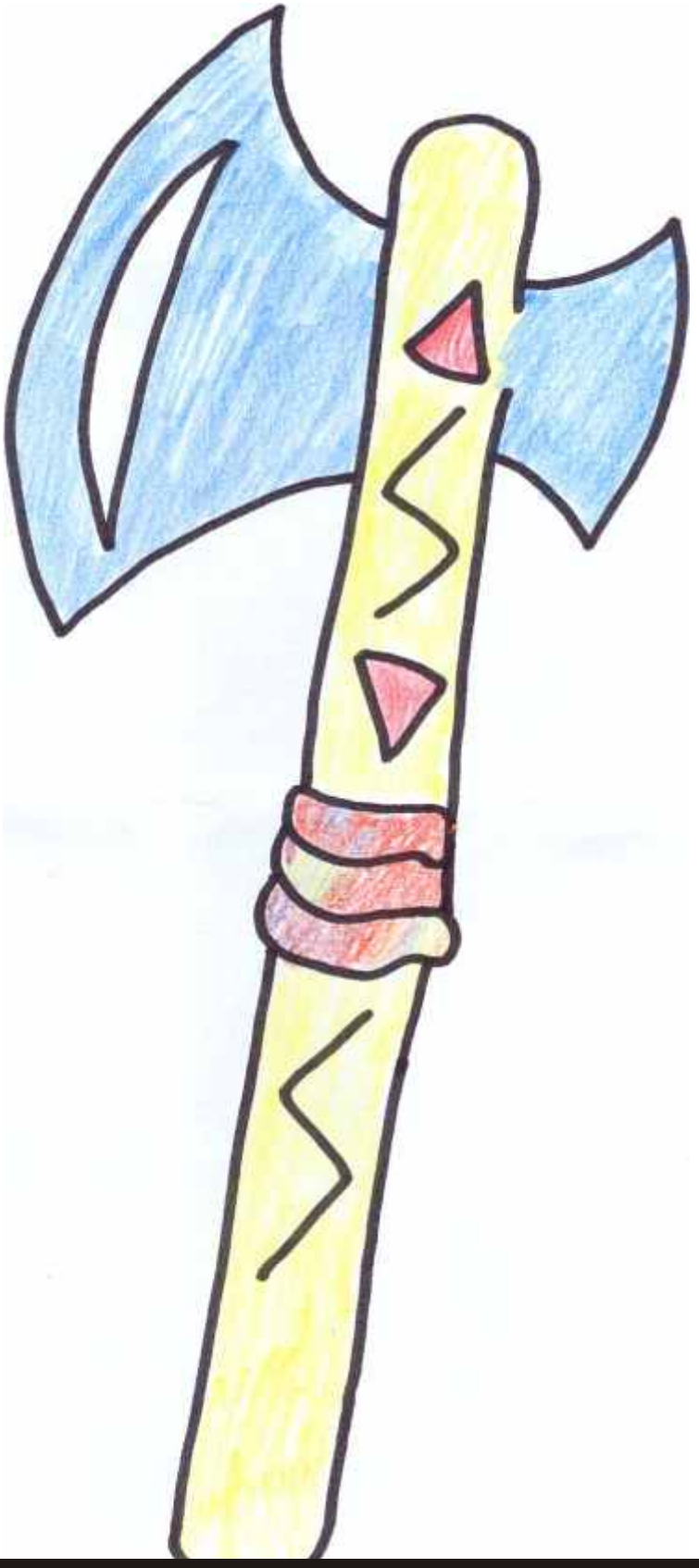
Na questão de ganhar dinheiro aqui e viver lá fora, tenho a seguinte opinião: acho que não deveríamos colocar nosso dinheiro lá fora, o brasileiro deveria pensar em trabalhar e investir aqui, isso é o correto. Legal visitar o exterior, mas é preciso voltar e aplicar o que aprendeu aqui no Brasil. Não penso ser justo também reclamar da colonização portuguesa, os portugueses tem muitos menos rivalidades que os outros povos. A América espanhola, por exemplo, é toda fracionada, os EUA também, a Inglaterra. Aqui, apesar de tudo, o povo veste a mesma camisa verde amarela.
Vamos ter que arrumar um jeito de sair desse problema, já tiveram dias piores e também melhores e assim será sucessivamente, mas temos que buscar a solução, muitas empresas de fora querem vir para cá, porque enxergam oportunidades.

A crise esta por toda a parte, mas tenho uma boa notícia: o mundo não vai acabar não. Temos problemas e também coisas boas. Não estou fazendo apologia do contrário, mas acho que temos que levantar o moral e ver traçar iniciativas para o país”.

**Luiz Cláudio Sigaud Ferraz**

“Todos apresentam visões relativamente próximas, mas se manifestam como se elas fossem distantes. Penso que falta um espaço. Quando digo que teríamos que

começar com uma página em branco, não é no sentido de anular o que já temos, mas sim no sentido  de criar um espaço para que se consiga colocar algo novo, O grande problema é onde está esse espaço? Eu não consigo hoje, como cidadão, encontrar esse lugar, penso que ele não está na universidade ou no legislativo, ele terá que ser criado. Todos nós temos que fazer um pacto em favor disso, senão corremos o corremos o risco de criar outros problemas. A questão da etnia pouco importa, gosto de citar o exemplo do Mauricio Botelho, que  era descendente índios, tinha um tacape em cima da mesa e foi um importante representante do empresariado brasileiro, deu uma importante contribuição para os país. Todos os povos tem seus problemas, temos que, institucionalmente, encontrar formas de discutirmos país”



# LISTA DE PARTICIPANTES

| | |
|---|---|
| ADRIANA BARALDI A DOS SANTOS | FGV-EAESP |
| AGNALDO DE ALMEIDA DANTAS | SEBRAE NACIONAL |
| ANDERSON VALADARES | EVEN CONSTRUTORA |
| CLAUDIO CARDOSO | UFBA - FIBA |
| CRISTIANE YUKIE HATANO | IPPLAN |
| ELISABETH HILDA DIMAS | IPPLAN |
| ELIZABETH JORGE DA SILVA MONTEIRO DE FREITAS | ALTAVIVE |
| EVANDRO PRIETO | UNIVERSIDADE 9 DE JULHO |
| FLÁVIO CUNHA | AVIBRÁS |
| FRANCISCO XIMENES | SENAC-RS |
| GUSTAVO CORRÊA MIRAPALHETA | FGV-EAESP |
| JOSÉ AUGUSTO CORRÊA | FGV-EAESP |
| JOSÉ VIDAL | ITS |
| LEONARDO DELL'OSO PINHEIRO | PwC |
| LIA FARES GONÇALVES GRACIOTO | IPPLAN |
| LUCIO BRUNALE | EMBRAPA |
| LUIZ CARLOS DI SERIO | FGV-EAESP |
| LUIZ CLÁUDIO SIGAUD FERRAZ | FGV-EAESP |
| LUIZ CARLOS MORAES REGO | FGV-EAESP |
| MARCOS VASCONCELLOS | FGV-EAESP |
| MARTA MARIA BRACKMANN | SENAC-RS |
| MYRTHES WEBER LUTKE | FGV PROJETOS |
| PATRÍCIA TEIXEIRA MAGGI DA SILVA | |
| PAULO CHEBAT | EIB |
| PAULO FERNANDO PRESSER | SENAC-RS |
| PEDRO SIENA  SIENA | IDEA |
| RICARDO JIMENEZ MAYKOT | NOVARTIS |
| RODRIGO GONÇALVES DOS SANTOS | AVIBRAS |
| SILVANA PEREIRA | FGV-EAESP |
| STEVE MATALON | PONS |
| WILSON NOBRE | FGV-EAESP |